

Tradução *Al Pomodoro*

Denise Bottmann¹

Certa vez, logo após a morte de Gabriel García Márquez, fiquei um pouco exasperada com alguns comentários no Facebook (sou assídua frequentadora) que se compraziam em apontar, entre milhares e milhares de páginas de sua obra publicada no Brasil, uma meia dúzia de lapsos e falhas nas traduções. E comentei que, numa ocasião daquelas, mais valeria olhar todo esse trabalho conjunto de trazer a obra de García Márquez ao público brasileiro do que se deter num pequeno punhado de deslizes. Em vez de procurar a pintinha no tomate, mais valia olhar o movimento da feira, foi a analogia que usei.

Há o tomate ali, ele sozinho, talvez com um amassado, uma mancha ou até algum – hoje em dia raro – buraquinho de verme. Há a banca inteira forrada de tomates, todos sortidos, uns mais verdes, outros mais maduros, uns de pele mais lisa, outros de pele mais engruvinhada. Estendendo-se pela rua, há várias outras bancas de tomates, mais rechonchudos, mais minguados, de preços variados. Orgânicos, naturais ou à base de adubos químicos e agrotóxicos. Há até uma feira inteira de produtores de tomates. Redondos, alongados, ras-teiros, trepadeiros, cereja, débora, carmen, caqui, tantos e tantos, de características diversas, para fins diversos. E aquela fartura maravilhosa com um mundaréu de tomates à escolha.

E há os produtores: quem arou, lavrou e preparou a terra, ao ar livre, em canteiro, em estufa ou em lata; quem semeou, agudou, esperou, transplantou as mudas, estaqueou e acompanhou diariamente o crescimento dos frutos. Colheu, lavou, limpou, enxugou e levou ou fez chegar à feira. Agora lá estão expostos, em sua fulgurante glória rubra, alguns mais acanhados, outros mais esplendorosos.

Eu não descartaria totalmente alguma singela aproximação entre o tomate na feira à escolha da freguesia e a tradução de um livro ofertada a um leitor, entre as variadas bancas e as mais diversas editoras, entre a freguesia e o público leitor, entre a feira que traz os produtos que comporão a mesa do consumidor e o conjunto da produção traduzida no Brasil. E acima de tudo, como o tomate-cerejinha do bolo, uma singela aproximação entre o conjunto de práticas e valores embutidos na própria existência de uma feira e o conjunto da cultura em que se insere a prática e a leitura de traduções: afinal, aí está o indispensável pastel de feira para provar que ir à feira nunca é apenas ir à feira.

¹ Tradutora e criadora do site “não gosto de plágio” (<https://naogostodeplagio.blogspot.com/>). E-mail: dbottmann@gmail.com.

Passeamos por essa metafórica feira. Paramos na banca do senhorzinho que tem mil histórias de tomates para contar, de meio século ou século e meio atrás; conversamos animadamente com a moça que deixou a faculdade, virou vegan e planta tomates orgânicos numa pequena chácara próxima, tudo feito de maneira artesanal; batemos uma aposta com a freguesa cética a nosso lado de que justamente aqueles tomates já muito maduros, quase passando, ainda têm carnadura firme e são, de longe, os melhores para preparar uma bela fornada de tomates secos; discutimos vivamente as razões da diferença de pigmentação entre dois ou mais espécimes, as razões daquelas manchas que parecem ferrugem na pele dos tomates de salada, e também as razões de alguns coscorões em alguns outros.

Escolhemos nossos tomates para a semana, simpatizando com os mais variados tipos, talvez sem nem saber muito bem por quê, e eventualmente, com certa dor no coração, até deixamos alguns de lado. E, para coroar o passeio, vamos direto para a banca do pasteleiro, onde pedimos meia dúzia de pastéis – sabor pizza, claro, com belas rodelinhas de tomate lá dentro.